

**“PRECISA DE UMAS BELAS XICOTADAS NEGUINHA NOJENTA”:  
DISCURSOS INTERSECCIONADOS POR GÊNERO E RAÇA NAS REDES  
SOCIAIS**

*Eixo Temático- Pedagogias de Gêneros e Sexualidades em Mídias e  
Artefatos Culturais*

Silmara Aparecida dos Santos<sup>1</sup>  
Anderson Ferrari<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O presente ensaio tem como objetivo suscitar discussões e reflexões acerca das questões de gênero e raça a partir de discursos engendrados nas redes sociais. Para as discussões, com o subsídio nas teorias foucaultiana e pós-críticas, toma-se como ponto de partida, postagens destinadas à três mulheres negras, *influencer*, cantora e jornalista conhecidas nacionalmente e internacionalmente. Essas postagens, dentro de uma rede complexa de produção de saberes, explicitam formas de ser, estar e até mesmo de se perceber, assim, oportunizam pensar as redes sociais enquanto artefatos que nos educam, nos ensinam e modificam nossos modos de existir.

**Palavras-chave:** Discursos; Gênero; Raça; Redes Sociais.

## **INTRODUÇÃO**

*“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo o que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”*  
(FOUCAULT, 1996, p. 10).

Na epígrafe que abre este artigo, Michel Foucault (1996) define o discurso como resultado de disputa, de luta e de relações de poder, de maneira que ele é parte constitutiva

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF MG, silmarasantos93@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor orientador: Anderson Ferrari, Programa de pósgraduação em Educação – UFJF, anderson.ferraro@ufjf.br.

e tem efeitos nos sujeitos e em suas práticas sociais. Além disso, o discurso é entendido como o “poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). O objetivo não é constatar ou apontar, mas sim, problematizar em que medida esses ataques estão imersos em uma rede discursiva, em um contexto, propomos assim, problematiza-los no sentido de possibilitar reflexões.

O interesse pela produção discursiva em torno da mulher negra nas redes sociais dialoga com a pesquisa de doutorado em Educação em andamento, que tem como um dos objetivos analisar a produção acadêmica de três mulheres<sup>3</sup> pesquisadoras negras precursoras no campo da Educação no que diz respeito às questões de gênero e raça. A produção das mulheres negras reforça o compromisso, como educadoras, com o enfrentamento aos saberes que constroem e perpetuam as desigualdades de gênero e raça em qualquer espaço educativo, seja na sala de aula, na mídia ou nas redes sociais.

Seguindo as trilhas de Foucault (1996), somos sujeitos de discurso, somos resultados dos discursos e produtores deles. Neste sentido, o interesse é trazer para a discussão as construções discursivas dos sujeitos, especificamente, os ataques às mulheres negras nas redes sociais, entendendo-os como processos educativos. Com isso queremos dizer que trabalhar com os discursos e os modos de subjetivação é nos colocarmos num campo de disputa e de relações de saber-poder, que envolve a educação. Também estamos trabalhando com a concepção de gênero e raça como resultado dessas construções.

Com o advento da internet e, principalmente, com o surgimento e expansão das redes sociais, foi se fortalecendo a convicção de que as tecnologias de comunicação em rede se constituem como uma poderosa maquinaria de circulação e produção de informação na atualidade. Uma maquinaria que educa, que ensina, que incita reações e que se encontra com a maquinaria da escola e da educação. Segundo André Lemos (2003) vivemos num momento histórico caracterizado pela “cibercultura”, que se desenvolveu a partir da década de 1980, se consolidando nos anos seguintes com o surgimento da informática de massa e a popularização da internet.

Diante da veiculação em massa de informações nas mídias, dos inúmeros assuntos publicados em forma de vídeos, fotografias, mensagens, *podcast*, entre outros, o

---

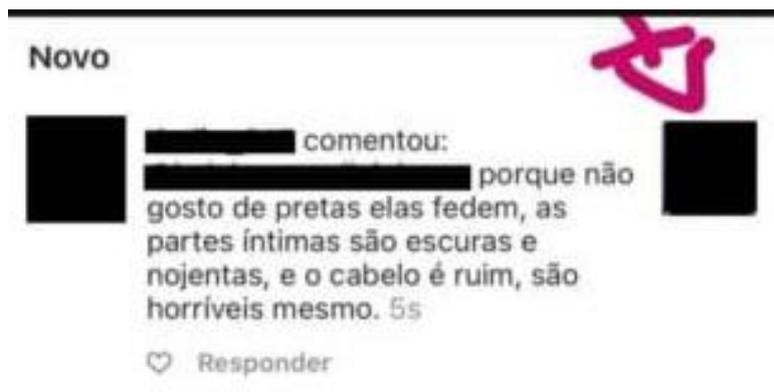
<sup>3</sup> As mulheres negras educadoras são: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, professora da UFScar; Nilma Lino Gomes, professora na UFMG e Núbia Regina Moreira, professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

propósito, neste artigo, é trazer três exemplos de postagens sobre mulheres negras que oportunizam interseccionalidades com gênero e raça para problematizar as construções discursivas que organizam os ataques que misturam racismo e sexismo. Ina Kerner (2012) destaca que a “discussão sobre interseccionalidade tem ocupado um espaço importante na pesquisa de gênero” (KERNER, 2012, p. 45), sobretudo no que diz respeito ao “reconhecimento de que formas sexuais de injustiça são, por um lado, análogas e, por outro, empiricamente entrelaçadas com outras formas de injustiça” (KERNER, 2012, p. 45), tais como raça e etnia.

### **Discurso: intersecções entre gênero e raça**

A *influencer* negra Sabrina Caetano tem mais de 34 mil seguidoras/es no seu perfil do Instagram, sendo uma destacada criadora de conteúdo digital, o que não impede que seja vítima constante de ataques racistas. Sabrina organizou um movimento de assinaturas na rede social para reivindicar que o Instagram reveja suas políticas de denúncia com a finalidade de incluir na plataforma a opção de “racismo” como uma forma de denúncia disponível. Hoje o “racismo” não se encontra como uma opção de denúncia para aqueles e aquelas que são vítimas dessa violência. Na postagem que recebeu na sua página no Instagram, o discurso se concentra em torno das questões do corpo da mulher negra.

Imagem 1 – Discurso de ódio feito a influencer Sabrina Caetano



Fonte: Catraca Livre (2019)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Imagem retirada da reportagem intitulada “Influencer negra pede opção ‘racismo’ nas denúncias do Instagram”, publicado site Catraca Livre, no dia 22/12/2020. Acesso em 15/01/2021. <https://catracalivre.com.br/cidadania/influencer-negra-pede-opcao-racismo-nas-denuncias-do-instagram/>

Ludmila é uma cantora negra, compositora, instrumentista, atriz e empresária, que tem mais de 23 milhões de seguidores no Instagram. Os ataques racistas, sexistas e machistas vêm ocorrendo durante toda carreira da cantora, o que não foi capaz de inibir os posicionamentos da artista contra as violências de raça, gênero e sexualidade. A artista já chegou até a desativar todas as suas redes sociais em função desses constantes ataques, mas antes teve o cuidado de fazer *prints* das agressões para posteriormente buscar por justiça. Novamente foi o corpo e os critérios de beleza que são acionados nas postagens de violência, seguidas de ameaça de “*umas belas xicotadas*”.

Imagem 2 e 3 – Discursos de ódio contra a cantora Ludmila



Fonte: Portal G1 (2016)<sup>5</sup>.



Fonte: Gomes (s/n).

Maria Júlia Coutinho é repórter negra da Rede Globo de Televisão, conhecida pelo grande público como Maju Coutinho, com mais de um milhão e meio de seguidores

<sup>5</sup> Imagem retirada do G1 do dia... Acesso em

no Instagram. Uma das poucas repórteres negras da televisão aberta, Maju Coutinho passou a receber ataques desde suas aparições como repórter do tempo no Jornal Nacional, o que se intensificou após assumir destaque como âncora do Jornal Hoje. Entendendo o seu papel de importância e responsabilidade para outras mulheres negras, a jornalista afirma que “ser uma referência neste movimento [de afirmação racial] é uma responsabilidade. E isso implica em contribuir para que o debate e as ações de inclusão de nós negros na sociedade avancem. O avanço se dará quando a presença negra em diversos setores for naturalizada”. Na postagem que selecionamos o ataque não é diretamente ao corpo, mas ao pertencimento a raça.

Imagem 4 – Discurso de ódio contra a jornalista Maju Coutinho



Fonte: Google.

Esses são só alguns dos vários discursos disseminados nas redes sociais contra mulheres negras. São mulheres que transmitem mensagens significativas, que representam um grupo de pessoas que foram marginalizadas, excluídas, apagadas.

Os discursos empregados tem significados e estão aí, não há nada oculto, escondido, por trás, expressam justamente o que está escrito, o que as palavras enunciam. Ofensas, xingamentos que fazem até menção ao período da escravidão, como por exemplo, o dito para a cantora Ludmila. A cantora frequentemente é alvo de inúmeros discursos de ódio sobre sua cor. No discurso, um perfil *fake* escreve que a cantora “precisa levar umas belas xicotadas neguinha nojeta”. É importante ressaltar que o chicote era uma

ferramenta utilizada na escravidão para controlar ou punir as/os escravas/os. Era um instrumento de tortura.

Assim como o chicote, esses discursos rasgam e deixam a mostra as lacunas, o buraco, as lesões causadas pela história e que permeiam as nossas relações, os nossos modos de existir, de sermos vistas em sociedade. Vidas de mulheres diariamente estão em perigo, as mulheres negras vivem sob o perigo. Sobrevivem as margens de uma sociedade que insiste em negar sua existência, que abomina a sua ascensão social e cultural, o crescimento e a ocupação de espaços que lhe foram negados (CARNEIRO, 2019).

A “facilidade” do acesso, de um acesso que não é totalitário, até mesmo porque há inúmeros sujeitos que não possuem condições básicas de sobrevivência, menos ainda de estar atento ao espaço digital, tem colocado em cheque assuntos importantes em que entram em cena questões culturais, sociais e históricas. As redes sociais, de acordo com Lopes e Alves (2019, p. 111), “possibilitadas pelo avanço das tecnologias da sociedade em rede, as mídias sociais transformaram-se em um novo espaço público de discussão”. Espaço em que dizer, falar o que pensa, engendrar discursos passou a ser quase que regra. O discurso presente em um extenso jogo que explicitam práticas sociais, formas de ser e até mesmo de se perceber no mundo.

Nesse emaranhado das redes sociais, desse lugar que autoriza dizeres, estamos nós, sujeitos construindo e sendo construídos/as. Os processos nos constituem, nos subjetivam e dessubjetivam, nos tornam quem somos ou até mesmo outro de nós mesmos. Vamos nos constituído enquanto sujeito na complexa relação com o meio, com o outro, com o contexto, com a estrutura e organização social, cultural e história do ambiente que estamos imersos. E somos modificadoras/es desses processos e também dos espaços que ocupamos. E é considerando esses elementos que tencionamos trazer questões para pensar o que expressam os discursos sobre mulheres negras nas redes sociais.

As negras e os negros ainda sofrem com impactos do processo histórico do país, que apagou e continuando apagando mulheres negras e homens negros socialmente. Tal questão é perceptível nos mais variados campos, seja educacional, econômico, midiático, entre outros. Há uma constante exclusão desses sujeitos, um apagamento feito por uma sociedade que ainda tem como base a valorização de pensamentos e ideias da branquitude (GONÇALVES; SILVA, 2015). E se engana quem acredita que isso não tem influenciado o modo de vida dessas pessoas, muito pelo contrário. Homens e mulheres sentem no

corpo, na (não) posição social, no (não) reconhecimento, na falta de condições básicas de sobrevivência, na falta de representatividade nos espaços - ao ocuparem as estatísticas do povo que mais morre, sofre com a violência policial, com a falta de moradia, com os discursos de ódio nos meios midiáticos, que ser negra e negro neste país não se configura uma tarefa fácil.

Se não é fácil ser homem negro na sociedade, é ainda mais difícil ser uma mulher negra. Como uma frase muito dita nas redes sociais enuncia “*não temos um dia de paz*”. Mesmo que a separação entre mulheres negras e brancas não esteja estampada claramente como em outros momentos da história, essa separação ainda existe, é real. E acontece quando mulheres negras são impedidas de ocuparem cargos públicos, de estarem em determinados lugares, quando as oportunidades não são iguais, quando uma vaga de emprego exige um cabelo liso, uma pele clara, uma aparência mais “apresentável”, quando mulheres negras são atacadas diariamente com discursos de ódio que insistem em negar a ascensão dessas mulheres. É dessa maneira que a separação se faz presente.

E é justamente nesse contexto que mulheres, especialmente, mulheres negras tentam sobreviver, no sentido estrito da palavra, isto é, na tentativa de se manter viva. Apesar da intensa negação, vivemos e convivemos em uma sociedade racista e, que a todo custo, alguns altos demais, tentam erguer uma espécie de bandeira de que são antirracistas. O racismo é estrutural<sup>6</sup> e está entrelaçado nas entranhas da nossa sociedade. E, às vezes, parece que negá-lo ou arrancá-lo é ceifar sua existência.

Nesse sentido, Bell Hooks em seu livro “*Olhares negros: raça e representação*” (2019, p. 38), argumenta que:

A maioria das pessoas nessa sociedade não quer admitir abertamente que ódio e medo estão entre os primeiros sinais que a “negritude” evoca na imaginação pública dos brancos (e de todos os outros grupos que aprenderam que o jeito mais rápido de demonstrar concordância com a ordem supremacista branca é compartilhar suas suposições racistas).

Aqui é colocado entre aspas, pois percebe-se que não são apenas “suposições racistas”. Essa expressão me parece amenizar os inúmeros discursos de ódio contra pessoas negras. E, esses discursos têm inundado as redes sociais, estado presente de

---

<sup>6</sup> A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade (ALMEIDA, 2019).

formas variadas. Há até mesmo uma certa organização que se materializa na forma de perfis falsos, os chamados *fakes*, mas que não escondem que há sujeitos por trás da veiculação, da disseminação do discurso de ódio a mulheres negras que alcançaram determinado reconhecimento e estão imbricados em uma rede discursiva, que é produzida e que produz sujeitos.

### Considerações Finais

Por essas e outras questões, repito neste ensaio que é difícil ser mulher, no entanto, é ainda mais difícil ser uma mulher negra, pois não temos um dia sequer de paz, sem temer pelas nossas vidas, pelo emprego, pela família, pelas pessoas que estão a nossa volta e são negras (filhos, filhas, maridos, esposas, pais, mães, netos, netas, sobrinhos, sobrinhas). Crianças estão sendo mortas com balas que insistem em dizer que são perdidas, mas que encontram e se alojam nos corpos negros, ceifando suas vidas; mulheres são mortas; jovens são levados de suas casas por policiais e seus corpos são encontrados dias depois; um homem negro é morto na porta de um supermercado por seguranças brancos; crianças negras são espancadas em shoppings; um homem negro é morto dentro de um camburão policial com gás (uma câmara de gás). O presidente, com tanto a se preocupar, se acha no direito de criticar uma mulher negra ao fazer uma viagem privativa no Réveillon. Uma mulher negra fazendo uma viagem chamou a atenção do presidente! Ainda insistem em dizer que não há racismo neste país. Qual outra palavra expressa melhor o que pessoas negras vivenciam todos os dias?

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2019. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e Realidade**. 20 (2): 18-37, jul./dez. 1995. Disponível em: Acesso em: 31 de dez. de 2020.



FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro/2001. Disponível em: Acesso em: 31 de dez. de 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª edição. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão Técnica: José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Eduções: Graal. 1984.

KERNER, Ina. Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 93, São Paulo, Julho 2012.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André.; CUNHA, Paulo. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LOPES, Flávia Valério; WEDENCLEY, Alves. Discurso e redes sociais: o caso Voz da comunidade. In: *Ciberlegenda UFJF*. **Animação: linguagem, hibridismos e novas tecnologias**. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36888>. Acesso em: 29 de dez. de 2020.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos : Claraluz, 2005. 96 p.; 21 cm.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991137>. Acesso em: 06 de jan. de 2021.